

A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

**TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora
Ano 2020

A PSICOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

**TALLYS NEWTON FERNANDES DE MATOS
(ORGANIZADOR)**



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editores: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P974	<p>A psicologia na construção de uma sociedade mais justa [recurso eletrônico] / Organizador Tallys Newton Fernandes de Matos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-015-5 DOI 10.22533/at.ed.155202704</p> <p>1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. 2. Psicólogos. I. Matos, Tallys Newton Fernandes de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 150</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Aceleração nas mudanças do cotidiano auxilia o homem, por meio da tecnologia, a aperfeiçoar sua comunicação, desenvolvimento e laços. Esse desenvolvimento dar-se de forma vertiginosa e, por muitas vezes, não há a compreensão dos processos envolvidos neste percurso, ocasionando diferentes situações que podem levar a sensação de mal-estar e vazio. Todavia, este desenvolvimento acelerado ocorre por meio da “falta” e da “inquietação” do sujeito em sua dinâmica do cotidiano. É importante salientar que essa “falta” está direcionada ao amor, satisfação e desejo, como elementos essenciais que configuram o sentido e o significado na vida do sujeito.

Por conseguinte, em decorrência dessa “falta”, o sujeito passa a se utilizar de artifícios diversificados para apaziguar imaginariamente e/ou simbolicamente esse vazio. Podemos exemplificar tais artifícios como o consumo de álcool, consumo de drogas, medicamentos, as fantasias, a arte, a fuga da realidade, o materialismo, a busca desenfreada pela elevação de sua natureza, a tentativa ilusória de elevação do status social, a desigualdade, o luxo, o preconceito e o desrespeito, dentre outros, que são formas de iludir e apaziguar o vazio.

Neste cenário, destaca-se o capitalismo que colabora com essa falta por meio da sociedade moderna e democrática, conseguindo buscar, no horizonte da realidade do infortuno, da morte e da violência, a integração num único sistema das diferenças e resistências. Nesse aspecto, há uma mudança do “confronto” para a “evitação”, ou seja, há uma eliminação do “culto da glória” para a “revalorização dos covardes”. De fato, há uma perda da luta das classes sociais na busca pela revolução, possibilitando a divisão social.

Todavia, a obra “A Psicologia na Construção de uma Sociedade mais Justa” tem como foco principal a discussão científica que aborda áreas do conhecimento, como: trabalho, mal-estar na civilização, sociedade, arte, avaliação em psicologia, intervenção em psicologia e desenvolvimento humano. Salienta-se que a conjuntura e organização dos temas na presente obra se deu nessa ordem ideológica, sem a necessidade de tópicos específicos. Tais artefatos são componentes de áreas de atuação científica da psicologia, como: psicologia social, psicologia do trabalho, atuação clínica, avaliação em psicologia, saúde, sociedade, cultura e desenvolvimento humano.

Com isso, o objetivo central desta obra é apresentar um recorte da diversidade e construção teórica na psicologia, através de estudos desenvolvidos em diferentes instituições de ensino e pesquisa do país, possibilitando a reconfiguração de saberes e práticas na busca por modelos de atuação e intervenção no segmento individual e coletivo.

O impacto desta obra se dá por ser fruto de avaliações e exposições de dados, através de encontros e eventos científicos na extensão vertical e horizontal do país, que inicialmente foram avaliados e depois selecionados, por uma equipe editorial, que buscou a identificação e fator de impacto na obra no contexto atual, ou seja, temas diversificados e acentuados são tratados aqui como proposta de fundamentar o conhecimento científico.

Sabemos o quão importante é a divulgação do conhecimento através da produção científica rígida. Para tanto, foi evidenciado o impacto da Atena Editora, e sua capacidade de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores explorem e divulguem seus resultados.

Por fim, que esta obra possa possibilitar diferentes reflexões, como, por exemplo, uma reflexão baseada no Mito da Caverna de Platão, descrito no livro VII da obra “A República”, suscitando o pensar acerca dos esquemas superficiais de comportamento e interpretação de vida aos quais estamos presos e que contribuem para a legitimação do mundo como ele existe. A única maneira de torná-lo menos cruel e mais humanizado é fugirmos das correntes que nos prendem a falsas crenças. Esse resgate é dado na medida em que nos movimentamos, avançamos para fora da caverna de mentiras, desconsideramos o acaso e os limites impostos e nos libertamos dos preconceitos criados pelas ilusões das sombras na parede. Enfim, como já dito sabiamente por uma grande socialista revolucionária no começo no século XX, Rosa Luxemburgo: “Quem não se movimenta não sente as correntes que o prende”.

Tallys Newton Fernandes de Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REVISÃO INTEGRATIVA: SINDROME DE BURNOUT E SUA RELAÇÃO COM A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO	
Karine Rebelatto Muniz Gabrielly Gomes dos Santos Lucas Rodrigues da Cunha Paes Leme Iracema Gonzaga Moura de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.1552027041	
CAPÍTULO 2	14
A INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO	
Valleska Mendonça Procópio Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.1552027042	
CAPÍTULO 3	25
NEXO CAUSAL: UMA ANÁLISE ENTRE TRANSTORNO MENTAL E TRABALHO	
Crislaine Bardini	
DOI 10.22533/at.ed.1552027043	
CAPÍTULO 4	45
SAÚDE DO DOCENTE NA UNIVERSIDADE PRIVADA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Cristiane de Carvalho Guimarães Isabela Ferreira Rocha Nunes Bruna da Conceição Cavalcante Caroline Aranha Kalil Helen Alice Bezerra Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.1552027044	
CAPÍTULO 5	59
CRENÇAS LIMITANTES SOBRE EMAGRECIMENTO, DIETA E BELEZA: E A EFICÁCIA TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL DA OBESIDADE	
Eliandresso Queiroz Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.1552027045	
CAPÍTULO 6	71
A MORTE E O MORRER NO ENSINO DA PSICOLOGIA	
Raylane Aguiar da Silva Naglla Cristina Vieira Silva Maria Luiza Gaspar Amorim Sousa Silva Luciana Moreira Machado Andressa Regina Paulino Costa Ana Paula Pereira Cardoso Railson Muniz de Sousa Francisca Tatiana Dourado Gonçalves Zaira Arthemisa Mesquita de Araújo Willamy José da Silva Figueredo Lucas Danilo Aragão Guimarães Márcia Maria Matos Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1552027046	

CAPÍTULO 7	83
MULHERES DE PRESIDIÁRIOS: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS	
<ul style="list-style-type: none"> Anna Karolina Brandão dos Santos Gustavo Ribet Cruz Juliana Mendonça Pinheiro Lais dos Santos Rodrigues Natan Chamarelli Loiola Vitória Lima Fernandes Oliveira 	
DOI 10.22533/at.ed.1552027047	
CAPÍTULO 8	95
OUVIR PARA COMPREENDER: A DIMENSÃO PSICOLÓGICA DA COMUNIDADE VILA VITÓRIA	
<ul style="list-style-type: none"> Gabriel Nava Lima Carmen Cristina Viegas Campos Agnaldo Alles Quaresma Ana Beatriz Lima Freitas Marta dos Santos Silva 	
DOI 10.22533/at.ed.1552027048	
CAPÍTULO 9	109
O ETERNO RETORNO: ANÁLISE DE UM CASO DE AMNÉSIA ANTERÓGRADA	
<ul style="list-style-type: none"> Antonio Igor Duarte Braz Bianca Mendonça Maia Emanuela Maria Possidônio de Sousa 	
DOI 10.22533/at.ed.1552027049	
CAPÍTULO 10	111
RACISMO E PSICOLOGIAS: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS	
<ul style="list-style-type: none"> Cláudia Freire Vaz Ângela Talita Faria Lima Debora de Assunção Souza Jonathas de Oliveira Marinho Monyke Kide Yamamoto Gushiken 	
DOI 10.22533/at.ed.15520270410	
CAPÍTULO 11	122
A CERÂMICA NA ARTETERAPIA	
<ul style="list-style-type: none"> Elainy Mota Pereira 	
DOI 10.22533/at.ed.15520270411	
CAPÍTULO 12	136
ARTETERAPIA E PATCHWORK: UMA TESSITURA APLICADA NA REABILITAÇÃO	
<ul style="list-style-type: none"> Marcia Gallo De Conti 	
DOI 10.22533/at.ed.15520270412	

CAPÍTULO 13	146
LENTE INTERIOR – POESIA, CONTOS E CORDÉIS COMO EXPRESSÃO DA HISTÓRIA DO CENTRO DAS MULHERES DO CABO	
Svetlana Valentim Delielbe Dalla Corte	
DOI 10.22533/at.ed.15520270413	
CAPÍTULO 14	150
CONTRIBUIÇÃO DO TESTE DE RORSCHACH NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA	
Alessandra Carvalho Abrahão Sallum	
DOI 10.22533/at.ed.15520270414	
CAPÍTULO 15	166
PRÁTICAS PARENTAIS E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA LEITURA BIOECOLÓGICA	
Isabela Vieira da Silva Santos Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.15520270415	
CAPÍTULO 16	181
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA GRAVIDEZ EM MULHERES PRIMIGESTAS ASSISTIDAS NO AMBULATÓRIO DE PRÉ-NATAL DA MATERNIDADE ESCOLA DA UFRJ	
Lucineide Fernandes Moraes Gabriela Fernandes Moraes Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.15520270416	
CAPÍTULO 17	198
VIOLÊNCIA INFANTIL NO BRASIL E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS: UMA ANÁLISE DA LITERATURA	
Ana Clara Pereira Nunes Cíntia Cassimiro da Silva Clarissa Teixeira Cardoso de Carvalho Fernanda Gonçalves da Silva Pâmela Cristine dos Santos Bastos da Fonseca Priscila da Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.15520270417	
SOBRE O ORGANIZADOR	209
ÍNDICE REMISSIVO	210

MULHERES DE PRESIDÁRIOS: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

Data de aceite: 15/04/2020

Data de submissão: 14/01/2020

Anna Karolina Brandão dos Santos

Graduando de Psicologia da Faculdade Integrada
Multivix
Vila Velha - Espírito Santo

Gustavo Ribet Cruz

Graduando de Psicologia da Faculdade Integrada
Multivix
Vila Velha - Espírito Santo
<http://lattes.cnpq.br/6827752852373559>

Juliana Mendonça Pinheiro

Graduando de Psicologia da Faculdade Integrada
Multivix
Vila Velha - Espírito Santo

Lais dos Santos Rodrigues

Graduando de Psicologia da Faculdade Integrada
Multivix
Vila Velha - Espírito Santo
<http://lattes.cnpq.br/1066605967095453>

Natan Chamarelli Loiola

Graduando de Psicologia da Faculdade Integrada
Multivix
Vila Velha - Espírito Santo
<http://lattes.cnpq.br/3511479302800649>

Vitória Lima Fernandes Oliveira

Graduando de Psicologia da Faculdade Integrada
Multivix
Vila Velha - Espírito Santo
<http://lattes.cnpq.br/2546431570407271>

RESUMO: A seguinte pesquisa busca um estudo exploratório acerca das mulheres de presidiários, tais como se dá as relações conjugais e suas representações sociais, pautadas sobre os teóricos Bauman (2003, 2004) e Moscovici (1978), contextualizando as correlações existentes entre gênero, afetividade e pré-julgamento social, discorrendo as inconstâncias emocionais no aguardo ao fim da pena e a esperança da constituição de uma família. Ademais, compreendem-se as motivações intrínsecas dos seus laços afetivos aos apenados, filhos e familiares, abordando as suas vivências e experiências sociais, as quais refletem a sua identidade e subjetividade, e assim, estabelecem uma linha de temporalidade e causalidade entre o primeiro contato, a rotina das visitas íntimas e a formação de uma relação conjugal, mediando a trajetória individual e profissional feminina. Analisamos as possíveis motivações que levam mulheres a iniciar e/ou manter relações estáveis que, diferentemente da normalidade, seus parceiros estão sob liberdade privada. Bem como averiguamos quais são os sentimentos e quais prejuízos decorrentes do cárcere para essa união, principalmente no que configura a manutenção de dois fatores emocionais nas relações conjugais: o amor e o medo. As metodologias utilizadas foram as entrevistas semi-estruturadas, elaboradas com base nos objetivos da pesquisa, sendo que a

análise de conteúdo das entrevistas se deu brevemente pela revisão e seleção de um grupo de respostas, com enfoque comparativo, objetivando compreender as motivações intrínsecas que levam uma mulher a se manter num relacionamento com um presidiário, tal como se deu o seu envolvimento e a sua permanência, salientando uma busca pelo diferencial de respostas dessas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; presidiários; representação social; relações conjugais.

WOMEN OF PRISONERS: A STUDY OF SOCIAL REPRESENTATIONS IN MARRIAGE RELATIONS

ABSTRACT: The following research seeks an exploratory study about women of prisoners, such as marital relations and their social representations, based on the theorists Bauman (2003, 2004) and Moscovici (1978), contextualizing the existing correlations among gender, affection, and social prejudice, discussing the emotional instabilities awaiting the end of the sentence and the hope of the constitution of a family. Moreover, we understand the intrinsic motivations of their affective ties to the guilty, children, and family, showing the life and social experiences, which reflect their identities and subjectivities, and thus, establish a line of temporality and causality among the first contact, the routine of intimate visits and the formation of a marital relationship, mediating the individual and professional trajectory of women. We analyze the possible motivations that lead women to start and/or maintain stable relationships that, unlike normal, their partners are under private freedom. As well as we find out what are the feelings and what damages resulting from the jail for this union, especially in what configures the maintenance of two emotional factors in marital relations: love and fear. The methodologies used were the semi-structured interviews, elaborated based on the research objectives, and the content analysis of the interviews was briefly reviewed and selected a group of answers, with comparative focus, aiming to understand the intrinsic motivations that lead a woman maintaining a relationship with guilty, as well as her involvement and permanence, emphasizing a search for the particularity in the responses of these women.

KEYWORDS: Women; prisoners; social representation; marital relations.

1 | INTRODUÇÃO

O intuito da presente pesquisa e sua abordagem apontam a um estudo sobre mulheres de presidiários, em relação à vínculo amoroso e o que isso aplica socialmente. Indagando a afetividade, o pré-julgamento social, a relação com o meio social, opressão, dificuldades trabalhistas e inconstâncias emocionais no aguardo ao fim da pena e a esperança de um recomeço com a constituição de uma família.

Humberto Rodrigues afirma no livro *Vidas do Carandiru – Histórias reais*, que o cárcere é como um inferno. De acordo com Rodrigues (2002), a forma com a qual a polícia inspeciona as celas e aplica as punições para os internos é violenta. E, além

disso, problemas como superlotação e alimentação precária eram vistos como algo recorrente.

Ademais, o fato de a insegurança atingir os próprios detentos, também corrobora para um problema enfrentado diretamente pelas famílias, haja vista que essas pessoas frequentam constantemente ambientes como esse (STERN, 1989; WACQUANT, 2001).

No que se refere ao cidadão que teve a sua liberdade privada, é de conhecimento que, este se torna “invisível” perante a sociedade, a qual o sistema carcerário tende a reproduzir no imaginário social “pela condição dos presos, seus lugares na pirâmide social são reduzidos à categoria de marginais, bandidos, duplamente excluídos, massacrados, odiados” (ONOFRE, 2007, p.12).

Tal insignificância, por muitas vezes, reflete não apenas nesses indivíduos, mas também em suas parceiras na qual mantém um relacionamento. O tema abordado é de suma relevância social, devido ao fato de que a sociedade em si questiona e nomeia essas mulheres, de modo que estas sejam julgadas e marginalizadas, sem saber o que se passa por trás de todo esse relacionamento (BATISTA, 2014).

2 | SISTEMA PRISIONAL

Dentre as suas práticas de vigilância e punição, Foucault (2009) explicita a historicidade das diversas constituições de sistemas prisionais no mundo, assim como as configurações de poder e legalidade e a abertura para remodelagem dos modelos vigentes, a qual “começaram a julgar coisa diferente além dos crimes; a “alma” dos criminosos” (FOUCAULT, 2009, p.22), tornando o processo de julgamento ao encarceramento mais complexo e humanitário, denotando “menos sofrimento, mais suavidade mais respeito e humanidade” (FOUCAULT, 2009, p. 21), dessa forma cumpre ao seu objetivo ao “controlar o indivíduo, a neutralizar sua periculosidade, a modificar suas disposições criminosas, a cessar somente após obtenção de tais modificações” (FOUCAULT, 2009, p. 22).

O presídio é visto como um local que pune, guarda, assiste e disciplina, seguindo uma lógica do sistema capitalista, ocupa-se o detento de atividades reguladoras dos hábitos que impõe ordem e obediência, e “o trabalho penal deve ser concebido como sendo por si mesmo uma maquinaria que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade” (FOUCAULT, 2009, p. 271).

Portanto, a privação de liberdade do sujeito para Goffman (1974, p. 28), prevê que “ao ser admitido numa instituição total, é muito provável que o indivíduo seja despido de sua aparência usual, bem como dos equipamentos e serviços com os quais a mantém, o que provoca desfiguração pessoal”, pois na supressão da

liberdade, o sujeito perde sua identidade, que provém de um ciclo vitalício histórico de pré-julgamento social.

Durkheim (1996) acredita que a pena é uma resposta da sociedade ao crime, conduta responsável pela quebra do vínculo entre sociedade e sujeito, portanto “a pena consiste, pois essencialmente numa reação passional, de intensidade graduada, que a sociedade exerce por intermédio de um corpo constituído sobre aqueles dos seus membros violavam certas normas de conduta” (DURKHEIM, 1996), reproduzindo nessa separação uma nova significação a figura do sujeito preso. No seu livro *Vidas Desperdiçadas*, Bauman (2005) caracteriza o preso como produto de refugio, que remete a nova figuração do preso socialmente, traduz-se a figura do marginalizado como “lixo humano”, inadaptable, expulso do universo do consumismo, concernente a sociedade capitalista que distingue os produtores dos consumidores, a qual aponta a excludente visão social de que “as prisões, que antes possuíam a tarefa de reciclagem, se tornaram também depósitos de lixo” (BAUMAN, 2005, p. 115), dessa forma o autor implica que as problemáticas que ocasionam a produção ou remoção do “refugio humano” geram tensões políticas e sociais, e assim, “atribuem às suas representações e às suas práticas, sem secundarizar o sistema (ambiente, contexto, situação, estruturas) no qual esses atores agem e onde ações violentas são praticadas” (PORTO, 2006) e estimulam a estigmatização social desses indivíduos, e perpetuam a sua irrecuperabilidade.

A reincidência criminal é um fenômeno social comumente produzido e associado ao sistema prisional, como afirma Foucault (2009) e Onofre (2007), o presídio se torna uma “fábrica de crimes” pela procriação de novos crimes, e por não cumprir com seus objetivos, uma vez que “tem o propósito de agir no seu comportamento, modificando a identidade e o papel do presidiário visando à reabilitação, ressocialização e reintegração social do preso à sociedade” (BATISTA, 2014), assumindo então um caráter educativo e transformador, pois “ao se pensar no homem preso, não se pode deixar de considerar que o homem é inacabado, incompleto, que se constitui ao longo de sua existência e que tem a vocação de ser mais, o poder de fazer e refazer, criar e recriar” (FREIRE, 1983 apud ONOFRE, 2007).

3 | RELAÇÕES CONJUGAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO

Frente a pré-modernidade apresentada por Bauman (2000), os indivíduos vivenciam constantemente a liquidez e a fluidez em suas relações. A conceituação do autor acerca da modernidade líquida ovaciona o apogeu da humanidade e suas relações, ao que tange universalização da realidade pós-moderna, e a concretização do prefácio “Vivemos tempos líquidos, nada é para durar”, se adequando ao universo da fluidez, a qual os sujeitos “não podem suportar uma força tangencial

ou deformante quando imóveis” e assim “sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão” (BAUMAN, 2001).

A liquidez apresentada na pós-modernidade remete ao fenômeno físico de fluidez, caracterizando o mundo globalizado e capitalista dos sujeitos leves e líquidos, emergindo uma conjuntura simbólica, política e econômica de incertezas, inseguranças e instabilidades, a qual reflete na constituição da identidade e subjetividade dos indivíduos, cuja maior dificuldade se encontra no firmamento de laços profundos e relacionamentos coesos, transparecendo uma realidade pós-moderna fragilizada.

Nos relacionamentos, os sujeitos não estão aptos a assumir as premissas da dualidade das relações, tal como os seus benefícios e malefícios para as suas necessidades individuais, priorizando, “simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos; forçar uma relação a permitir sem desautorizar, possibilitar sem invalidar, satisfazer sem oprimir...” (BAUMAN, 2004, pág. 9).

Bauman (2004) ainda acrescenta que os quartos compartilhados abrangem antagonismos que confrontam a afinidade e o parentesco, criticando a idealização e romantização social dos relacionamentos pautados, tal como “podem ser um local de alegria e diversão, mas raramente de segurança e sossego. Alguns deles são palcos de dramas cruéis [...], apenas pequenos intervalos num drama sem cenários nem textos definidos” (BAUMAN, 2004, pág. 40), mas também, exprime que a comunhão mutuamente estabelecida entre dois sujeitos, tende a gerar um núcleo do relacionamento amoroso projetado em um universo de relações frágeis e laços sociais voláteis.

Configurando a manutenção de dois fatores emocionais nas relações conjugais: o amor e o medo.

A mediação dessas relações também são contingentes, à medida que são fomentados no ambiente físico ou virtual, dissertando a respeito do amor, paixão, infidelidade, medo, opressão, decisão/compromisso e exigências sociais que englobam essas mulheres e seus decorrentes casos conjugais (HAACK, 2012).

Na presente pesquisa, é abordada a figura feminina, tal como a sua aparição no campo masculino, ao percorrer “uma história que diz respeito aos aspectos privados da casa, da família, da reprodução e do sexo, em oposição ao que realmente importaria à história, que é o domínio público da existência” (FILHO, 2004, pág. 3), discorrendo o seu percurso histórico desde a definição da mulher como dona de casa a mulher que ingressa no mercado de trabalho na época industrial (HUNT, 1991).

Nesse viés, Moscovici (1978) apresenta a Teoria das Representações Sociais como construções, que determinam a forma que o sujeito representa socialmente, como ele atua e age sobre o mundo em que vive, assim como, a sua forma de se posicionar na sociedade, definida por ele como “uma modalidade de conhecimento

particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI, 1978, p. 26).

Portanto, as representações sociais femininas são constituídas pela dicotomia existente entre sexo e gênero, elucidando os papéis estabelecidos pela mulher e suas considerações acerca da realidade “como uma forma de construção social da realidade cuja mediação atravessa e constitui as práticas através das quais se expressam” (SWAIN, 2001), caracterizando “ao feminino o mundo do sentimento, da intuição, da domesticidade, da inaptidão, do particular; ao masculino a racionalidade, a praticidade, a gerência do universo e do universal” (SWAIN, 2001).

Estabelece-se um elo entre as motivações intrínsecas que compõem o medo e o amor, seja pela exposição da sensibilidade da mulher ao laço afetivo ou a situações de medo que reproduz a sua sujeição à relação conjugal com o apenado, visto a dependência emocional e financeira nessas relações (HELPEL, 2014; BATISTA, 2014).

Tal sujeição é afirmada por Mill (2006) e traduzida por Batista (2014) ao demarcar a submissão e passividade como herança cultural da mulher ao homem, a qual refletem as mulheres de presidiários, cujas figuras femininas “sempre foram vistas como sexo frágil, meigo, sensível e passivo, quanto aos homens esperava-se deles um comportamento agressivo, impositivo e autoritário” (MILL, 2006 apud BATISTA, 2014), eclodindo debates atuais acerca de uma suposta insinuação que a hierarquização de diferenças é o primeiro passo para a produção de injustiças: ensinar por gerações que há coisas e lugares “de homem” e “de mulher” ajuda a conservar discursos e perpetuá-los, em que tais ensinamentos perpassam ao longo dos anos, valores e ações que implicam na reprodução de desigualdades sociais e de gênero.

A potencialização do medo erradica outras considerações importantes como a constituição das famílias monoparentais femininas, as dificuldades na adequação a qualificação profissional formal e a sua inserção no mercado de trabalho e uma consequente incidência feminina na criminalidade (OLIVEIRA, 2006; SOUZA, 2015; SILVA, 2017).

Dentre as problemáticas, as mulheres surgem como detentoras de diversos papéis: responsáveis pela criação dos filhos e a administração dos orçamentos domésticos sozinhas pelo trabalho formal – ou informal –, evidenciando a constante preocupação pelo sustento da família, além do apoio emocional, psicológico e material ao cônjuge preso (BANDEIRA, 2005; SOUZA, 2015).

Nesse contexto, a mulher torna prioritário a estabilidade na expectativa de futuro da família, que se torna limitada e insegura, e se contrasta com a possibilidade de lucratividade com “ganhos fáceis” e a curto prazo, provenientes de atividades criminosas, a fim de garantir a renda familiar (SANTOS, 2011).

Um dos motivos para criminalidade ser enviesada a estas mulheres é conforme sustentam Kolker (2004) e Silva (2017), a constituição do mercado de trabalho formal neoliberalista, que geram “o desemprego estrutural, vínculos de trabalho cada vez mais precários, jornadas exaustivas de trabalho, baixa remuneração [...]” (SILVA, 2017), de forma que “as novas regras da economia aumentam as taxas de desemprego e emprego precário [...], lançando em situação de total vulnerabilidade um contingente antes inimaginável de pessoas” (KOLKER, 2004, p. 184), promovendo uma eclosão de desigualdades sociais, bolsões de pobreza e miséria social.

Entretanto, uma parcela de mulheres ainda trabalha formal ou informalmente, garantindo o sustento do lar, determinando “de todo modo, que a pobreza e a desigualdade de classe e gênero não podem ser vistas como um fator determinante para o envolvimento com atividades ilícitas” (SILVA, 2017). No entanto, Helpes (2014) e Lane (2004) intensifica a construção negativa dessa mulher pela sociedade patriarcal, pois dada a representação da mulher como esposa e mãe, ao se envolver afetivamente com criminosos, ou no vínculo com atividades ilegais, gera uma descrença no posicionamento dessa mulher vista como desonesta, tendo seu molde familiar como “desestruturado”, pela propensão ao cárcere e a marginalização.

Subentende-se que, o envolvimento com a criminalidade propicia o envolvimento com tráfico de drogas, e vice-versa, apresentando um contexto de medo vivenciado por essas mulheres, a mercê da violência doméstica e das ruas, demarcando um contexto de violência que “foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessários ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar, enquanto ser psíquico” (COSTA, 1986, p. 96).

Sendo assim, ultrapassa a prática de delitos e a criminalidade, e infere psicologicamente em detrimento “de traficarem movidas pelo medo, tentam ocultar, ou ao menos minimizar, a participação de seus companheiros no delito, sendo punidas isoladamente” (DIÓGENES, 2007 apud SOUZA, 2015). Além da resistência e vulnerabilidade às ameaças e traições dos companheiros de tráfico, os quais a mulher lida seja pelo ordenamento ou cumplicidade, corroborando que “alguma dessas formas de violência estão encarnadas na conformação do próprio caráter do indivíduo, moldando formas de agir, pensar e sentir, comportar e lidar” (SENET, 2001 apud SILVA, 2010).

Ao cogitar a permanência no vínculo e a imposição do querer feminino, essas “adentram a uma realidade que a grande maioria das famílias lutam para distanciar seus filhos desta. [...] para que jamais adentrem a este espaço que é rotulado como deformador de caráter e escola de bandidos” (SLOGO, 2016), a família se torna um alicerce motivacional para as mulheres, tal como a criação e educação dos seus filhos. Neste íterim, esses desejos são incompreendidos pela sociedade patriarcal, que enraíza uma estrutura fixa e irreparável, deslegitimando a trajetória

feminina, e dissertando que o “vínculo socioafetivo se expande do núcleo familiar se desenvolvendo na sociedade, quebrando mais um paradigma no patriarcado deixando que as relações antes vistas como arranjadas” (BATISTA, 2014, p. 32) tornam-se vínculos afetivos, que transmitem amor, apego, cuidado, entre outros.

As mulheres de presidiários retratam uma nova submissão de vivências humilhantes para continuar ao lado do seu parceiro, de acordo com as rígidas normas dos presídios. Só que essa atitude modificou-se no percurso do trabalho. Manter-se vinculada ao presidiário nem sempre tem a conotação de humilhação, mas de imposição do querer feminino (BATISTA, 2014, p. 22).

No decorrer da sua lógica de pesquisa, Batista (2014) argumenta a posição dessas mulheres frente essas representações sociais, cujo imaginário contempla o papel do cárcere e a sua exposição ao assumir um relacionamento com um presidiário, passando a obter novas significações, regulando-se na transformação do sujeito apenado em livre, marginalizado em educado, marginal em trabalhador, revoltado em manso, oportunizando a constituição de uma família dentro das conformidades sociais.

4 | DAS ENTREVISTAS

A pesquisa foi realizada com 4 mulheres com idades de 37 a 59 anos (M=47 anos) que possuem um relacionamento estável ou são casadas com presidiários, durante o horário de visita no complexo penitenciário.

Com base na aplicação de questionários, foram conferidos os dados sociodemográficos dessas mulheres, e por além de uma técnica projetiva, foi possível observar suas realidades e formas de resistência, tais como suas vivências e principais impressões a respeito do cárcere, do relacionamento conjugal e de sua trajetória pessoal.

Onofre (2007) destaca a importância da ocorrência das entrevistas, enfatizando a construção do conhecimento pela dialética, a concretizar o agir e o conhecer como o parecer da realidade, podendo-se dizer que a mediação de informações datadas em fatos pessoais da população, legitima os estudos da pesquisa.

De tal forma que esses diálogos como mediadores, cedem voz às mulheres propositadas a expor sua realidade, pois é perceptível que numa “situação de diálogo cria-se uma comunhão, criam-se novos encontros humanos onde impera a espontaneidade das perguntas e respostas e o ser humano deixa-se ser e dizer para o outro, enfim revela-se” (CÁRDIAS, 2006), em vista que ao entrevistar e permitir-se conhecer, de forma consciente e humanizada, assegura o surgimento de discursos motivadores, complementando que a dialogicidade favorece essa troca entre o pesquisador e o sujeito participante da pesquisa.

Ainda que o contato com essas mulheres tenha sido delimitado pela localidade do complexo penitenciário, o diálogo eclodiu em temas pertinentes cujo imaginário reflete uma nova realidade, que persiste aos dramas familiares e a incessantes ambiguidades como a permanência e a ausência dos filhos no processo de cárcere, ao conforto e desconforto da primeira visita, a distância do cônjuge e ao humor dos agentes penitenciários, tipificando o enfrentamento de rotinas suscetíveis a constantes mudanças.

As mulheres convivem com o impasse de se colocar prontamente à espera dos seus cônjuges ou de se permitir ter a sua liberdade devolvida, propiciando o questionamento de seus anseios no presente, tais como suas perspectivas de futuro, como “ver o sorriso do meu filho com ele feliz” (*sic*), inclui uma delas, da mesma forma que outra acrescenta que “não, a prisão dele faz com que a gente se una cada vez mais” (*sic*).

As representações sociais do preso também são transferidas do sistema prisional para a gama de significações das famílias dessas mulheres, a qual a maioria afirma que ele representa ser um bom homem, pai ou marido, e uma parcela atesta não estar apta para expressar o seu posicionamento, comentando também da falta de empatia entre os familiares e o seu anseio pelo reconhecimento do valor pela família do encarcerado, dentre as famílias e a própria sociedade (BATISTA, 2014).

Unanimemente, todas as mulheres reafirmaram o desejo de permanecer juntas ao companheiro, assim como ansiavam o bem-estar familiar e o acesso a oportunidades de melhoria de vida, uma ainda declara que a estabilidade financeira também deve ser ponderada ao citar sua vontade de comprar um outro carro, configurando suas concepções acerca do futuro ao expor suas motivações, projetando suas futuras realizações no campo pessoal, afetivo e físico-material, uma delas acrescenta que deseja se formar para ajudá-lo no processo final do cárcere e na adequação ao mercado de trabalho.

A maioria expressa o amor, ora como uma dor, ora como uma representação de luta e resistência, como um sentimento emblemático e não idealizador, que reforça a luta diária e a imposição do querer feminino (PERROT, 2007 apud BATISTA, 2014), ao considerar a expansão dos papéis femininos, antes resguardados ao lar e a família, mas também, de provedoras ao sustentar a casa e planejar estratégias para estar junto ao seu companheiro (BATISTA, 2014), como trata uma das mulheres ao imaginar “sermos felizes até a morte nos separar” (*sic*).

Ao passo que muitas delas consentem que a ocupação pelo trabalho ou educação são fatores cruciais e evidentes na mudança de comportamento do preso (ONOFRE, 2007, pg. 42), assim como valores éticos no que tange a valorização da vida, do trabalho e da família, firmados numa fé divina, também vista como agente transformadora, finalizando com o trecho que repercute a ideação da maioria delas,

ao desejar o recomeço, e assim, “uma nova vida para a família” (*sic*).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os sistemas prisionais, é notório que a conjuntura não têm por base a correção do indivíduo, prevalecendo sua inserção no sistema social geral, mas também, como uma forma de ignorar sua existência, tal como um local de exílio, onde mantém os detentos afastados das demais classes sem a menor chance de reentrada, mantendo assim o ciclo infinito de criminalidade e pobreza (ONOFRE, 2007; SOUZA, 2015; SILVA, 2017).

Em meio a esse caos, as mulheres, tanto parceiras, mães e filhos de detentos, passam por diversas situações humilhantes, as quais são tiradas sua dignidade e sua moral. Tendo em vista a permanência de uma família unida, fazem toda função de sacrifícios por seus entes, a fim de manter a conexão e a esperança dos mesmos (BATISTA, 2014). Frente a pós-modernidade, em que os relacionamentos tem por fim um rápido desfecho, e por isso os términos precoces (BAUMAN, 2004), mantendo uma dificuldade ainda maior na trajetória para manter uma família unida, essas mulheres lutam dia após dia, pela chance de restabelecê-la nos moldes familiares vigentes na sociedade.

Essas mulheres são julgadas, maltratadas e desassistidas pela sociedade no todo, que de fato, ignora essa realidade, deixando de lado a parte humana que deveria constituir parte de quem somos, uma parte que deveria ser solidária, ter compaixão ao olhar a dor do outro com os próprios olhos, e principalmente a visão de que os detentos são parte que compõe todo o sistema social, e que ele pode sim ser reinserido entre as classes e tomar um lugar de produção, e assim ressignificar o real sentido atribuído à sociedade.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. **Brasil Fortalecimento da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres: avançar na Transversalidade da perspectiva de gênero nas Políticas Públicas**. 2005. Disponível em: <<http://200.130.7.5\pwu\docs\integra- publ-lourdes-bandeira.pdf>> Acesso em: 20/09/2018.

BATISTA, A.C. **Mulheres de presidiários: entre os vínculos socioafetivos e as relações de opressão de gênero**. Brasília – DF: Universidade Católica de Brasília, 2014

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2001

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Tradução de Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

- CÁRDIAS, M. S. **O diálogo como elemento mediador de práticas educativas reflexivas**, 2006. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/022e4.pdf> > Acesso em: 16/11/2018
- COSTA, J.F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2ª ed, 1986.
- DURKHEIM, É. 1996. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo, Martins Fontes, 609 p.
- FILHO, A. T. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 127-152, Junho, 2005.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: História da violência nas prisões. Trad. Raquel Ramallete. 36. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974
- HAACK, K.R. **Amor, qualidade conjugal e infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet**. 2012. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade do Vale do Rio de Sinos, São Leopoldo, 2012.
- HELPE, S. S. **Vidas em jogo**: um estudo sobre mulheres envolvidas com o tráfico de drogas. São Paulo: IBCCrim. 2014.
- HUNT, L. **Revolução Francesa e Vida Privada**. In: PERROT, Michelle. (org.). História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- KOLKER, T. A atuação dos psicólogos no sistema penal. In: GONÇALVES, H.S.; BRANDÃO, E.P. (Org.). **Psicologia Jurídica no Brasil**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004
- KUHN, C.. **Reflexões sobre o processo de prisão e as consequências nas condições socioeconômicas para as famílias de presos da penitenciária Estadual de Francisco Beltrão – PR**. Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2016.
- LANE, S. T. M. & CODD, W. (Org.). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MILL, J. S. A.: **A Sujeição das Mulheres**. Tradução: Benedita Bettencourt. Portugal: Ed. Almedina S.A, 2006.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1978.
- OLIVEIRA, M.V.A. **Criminalidade Feminina**: um fenômeno em transformação. 2006. Disponível em <www.docstoc.com/docs/60186817/revista_2006> Acesso em: 20/09/2018.
- ONOFRE, E.M.C. Escola de prisão: espaço de construção da identidade do homem aprisionado? In: ONOFRE, E.M.C. **Educação escolar entre as grades**. São Carlos: Edufscar, 2007. p. 11-28.
- PAULA, A.C.M.C.; SANTANA, I.J. **Inobservância do princípio da intransmissibilidade da pena**: aplicação em relação às mulheres que mantêm relacionamento afetivo com apenados. 2013. Anais do Sciencult, v.4, n.1, 2013.
- PORTO, M.S.G. **Crenças, valores e representações sociais da violência**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 250-273.
- RODRIGUES, H. **Vidas do Carandiru**: histórias reais. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

SILVA, S.G. **Preconceito e Discriminação**: as bases da violência contra a mulher. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2010, 30 (3), p. 55.

SILVA, S.L. Mulheres e Criminalidade: aspectos de uma inclusão enviesada. **Revista Transgressões: ciências criminais em debate**, Natal/RN, v. 5, n. 2, Outubro, 2017.

SLOGO, C.C.C. **Mulheres que se relacionam com detentos**. Pós-Graduação em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, Universidade Federal do Paraná, 2016.

SOUZA, M.E.M.C.S. **As mulheres e o tráfico de drogas**: linhas sobre os processos de criminalização das mulheres no Brasil. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – Instituto Brasiliense de Direito Público, Brasília, 2015.

SWAIN, T. N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001. Editora da UFPR.

TAVARES, G.; MENANDRO, P.R.M.. Trajetórias de vida de presidiários e possíveis sentidos para a prisão. **Revista Psicologia Política**. 2008, vol.8, n.15, pp.121-138.

WACQUANT, L.: **As prisões da miséria**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 39, 135, 195, 196, 197, 206

Amnésia 109, 110

Aprendizagem 17, 38, 109, 110, 134, 170, 200

Autismo 166, 167, 168, 169, 170, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Autoconhecimento 122, 123, 124, 126, 136, 137, 139, 140, 142, 149

B

Bioecológico 166, 168, 171, 172, 173, 179

Burnout 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 29, 31, 33, 42, 47, 49, 50, 52, 55, 56, 57, 58

C

Cerâmica 122, 123, 124, 125, 128, 130, 131, 132, 134, 135

Comunidade 7, 18, 21, 45, 47, 51, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 135, 146, 147, 148, 184, 186, 199

Criatividade 135, 138, 142, 144, 146, 147, 148, 171

Cultura 3, 11, 60, 62, 64, 74, 101, 103, 115, 118, 135, 183, 185, 202, 204

D

Discurso 19, 111, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 147, 148, 186, 192, 193, 194

Docência 49, 50, 57, 58

E

Educação 11, 17, 18, 23, 33, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 72, 74, 75, 81, 82, 89, 91, 93, 103, 121, 133, 135, 137, 140, 150, 173, 180, 181, 183, 195, 197, 201, 204, 205

Ensino 9, 10, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 58, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 130, 135, 153, 178, 188

Estresse 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 31, 33, 39, 47, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58, 70, 173, 174, 178, 200, 203, 204

G

Gravidez 181, 182, 183, 184, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

H

Hipocampo 109, 110, 204

M

Maus-tratos infantis 206

Memória 34, 35, 36, 38, 98, 99, 107, 108, 109, 110, 149, 156

Mercado de trabalho 14, 15, 19, 20, 22, 23, 87, 88, 89, 91

Morte 33, 60, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 91, 100, 139, 155, 164, 184, 199

N

Neuropsicologia 110, 150, 151, 152, 164, 165

O

Obesidade 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 121

P

Poesia 146, 147, 148

Políticas públicas 5, 28, 40, 43, 92, 149, 204, 205

Presídio 85, 86

Psicologia organizacional 20

Psicologia social 93, 96, 100, 101, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 183, 185, 196

Psicossomática 76, 77, 78, 79

Q

Qualidade de vida 1, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 50, 51, 57, 58, 59, 80, 110, 138, 140, 144, 167, 174, 176

R

Reabilitação 3, 12, 17, 28, 86, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 145, 150, 167, 174, 179

Recursos humanos 7, 14, 15, 19, 20, 22

Relações sociais 97, 99, 102

Representações sociais 83, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 114, 121, 181, 183, 185, 186, 187, 195, 196, 197

Rorschach 40, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 164, 165

S

Saúde 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 113, 118, 120, 136, 137, 138, 140, 141, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 166, 167, 168, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 187, 188, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 205, 206, 207, 208

Saúde coletiva 13, 23, 43, 69, 82, 187, 195, 206, 207, 208

Saúde mental 3, 8, 12, 25, 28, 29, 31, 39, 40, 43, 44, 45, 48, 52, 63, 76, 79, 146, 149, 177

Saúde pública 12, 40, 43, 57, 59, 60, 197, 198, 200, 205, 206, 207, 208

T

Terapia cognitiva comportamental 59, 66, 70

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 73, 75, 77, 81, 82, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 101, 102, 107, 109, 111, 112, 115, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 147, 148, 149, 150, 151, 156, 164, 167, 172, 190, 196, 202

Transtorno mental 25, 26, 27, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 40, 41, 42

Treinamento 17, 20, 22, 35, 40, 73, 152, 154, 166, 175, 178, 179

U

Universidade 1, 8, 14, 23, 43, 45, 46, 47, 48, 55, 56, 70, 71, 92, 93, 94, 111, 113, 114, 115, 117, 120, 121, 122, 150, 165, 178, 179, 180, 187, 194, 195, 196, 197, 198

 **Atena**
Editora

2 0 2 0